



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Comunicação e saúde: estratégias de educomunicação no combate à arboviroses¹

Cecília Helena Toledo Vieira²
Jade Gonçalves Castilho Leite³

Resumo

Esse trabalho pretende mostrar os primeiros resultados do projeto de extensão “Comunicação e saúde: estratégias de educomunicação no combate à arboviroses”, vinculado à Faculdade de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). O projeto tem parceria com o Distrito Noroeste de Saúde, da Prefeitura Municipal de Campinas (SP) e é desenvolvido por uma professora e uma aluna bolsista. O trabalho consiste em oficinas de capacitação de comunicação com os Agentes Comunitários de Saúde, Agentes de Apoio ao Controle Ambiental e Agentes de Controle Ambiental que atuam nos Centros de Saúde do Distrito Noroeste. Como forma de intervenção social, para possibilitar a construção e a realização do processo de produção coletiva de comunicação, as oficinas têm como base-metodológica a educomunicação. O trabalho faz a interface entre a prática profissional dos Agentes de Saúde e a educação para a comunicação por meio da produção de material informativo para a população, como minidocumentários, jornais murais, entre outros.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; educomunicação; agentes de saúde; produção jornalística.

Introdução

A comunicação é fundamental para as relações humanas. Na área da saúde ela torna-se vital por pressupor a necessidade de troca de mensagens entre o profissional da

¹ Trabalho apresentado na modalidade Comunicação, no Grupo de Trabalho Atividades de Extensão, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

² Professora da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com plano de extensão aprovado para o biênio 2016-2017. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: cicatoledo@puc-campinas.edu.br

³ Estudante da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de extensão na mesma universidade. E-mail: jadegcleite@gmail.com

saúde e o usuário do serviço. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a qualidade da saúde da população está intimamente relacionada às influências do ambiente externo, o que significa que a saúde como um produto social se constrói por meio de ações dos governos, da sociedade e de cada cidadão.

O Brasil vive um período particular de profundas transformações socioeconômicas, demográficas e epidemiológicas, que sinalizam importantes desafios para os sistemas de saúde. Um deles é o trabalho preventivo de combate à dengue, chikungunya e a zika, feito pelos Agentes de Saúde. Em Campinas (SP), o trabalho de combate à dengue é realizado pelos Distritos de Saúde, por meio do Programa de Controle de Arboviroses, desenvolvido pelo Departamento de Vigilância em Saúde (DEVISA), instância da Secretaria da Saúde do município. As Unidades Básicas de Saúde da Secretaria da Saúde de Campinas, também conhecidas como Centros de Saúde, estão distribuídas no município nos distritos de saúde Norte, Sul, Leste, Noroeste e Sudoeste.

O objetivo desse projeto de extensão é intervir, por meio de ações educacionais, no Distrito Noroeste, que é composto por 13 Centros de Saúde e nove Unidades Integrantes, que atendem 24 bairros da região periférica da cidade. A população atendida pelos serviços de saúde do Distrito Noroeste - conhecido pelos próprios Agentes de Saúde da região como 'bairro dormitório' - trabalha predominantemente nas regiões Leste e Norte de Campinas, pertence às classes socioeconômicas B e C e é estimada em 155.996 mil habitantes, segundo informações do próprio Distrito Noroeste.

O trabalho do Agente Comunitário de Saúde⁴ é fundamental na prevenção de doenças e promoção da saúde. Em contato com domicílios, espaços coletivos e instituições públicas e privadas, o profissional realiza diversas atividades educativas em saúde, como o combate à dengue, chikungunya e a zika, doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*. Em conjunto com a equipe técnica, eles planejam, promovem, realizam e avaliam atividades de comunicação, informação e educação em saúde para alertar a população sobre a doença, seus sintomas e riscos, além de explicar sobre o agente transmissor. Além disso, o Agente Comunitário de Saúde tem um papel importante no acolhimento da comunidade, o que possibilita a criação de vínculos afetivos que propiciam o contato direto com a equipe de saúde.

Frente às drásticas transformações socioeconômicas, demográficas e epidemiológicas do País, é público que o repasse do SUS não é suficiente para atender a demanda do serviço. Por este motivo, a administração pública tem um novo desafio à frente: encontrar estratégias para conscientizar a população da importância da prevenção no combate ao mosquito da dengue. Apesar da prevenção continuar sendo a arma mais poderosa e eficiente no combate ao *Aedes aegypti*, ela precisa do apoio da população nesse desafio. E quem faz a ponte entre o sistema de saúde e a população é o Agente

⁴ O Programa de Agentes de Comunitários de Saúde teve início na década de 80, no Nordeste, como uma iniciativa de alguns profissionais em busca alternativas para melhorar as condições de saúde de suas comunidades. Hoje, a profissão é reconhecida em todo o País.

Comunitário de Saúde. Por isso, é fundamental que esse profissional esteja capacitado não apenas de informações técnicas sobre o mosquito transmissor e a doença, mas também de estratégias comunicacionais que possam interferir no seu relacionamento com a comunidade. Essas estratégias, fruto da aquisição de conhecimento e técnicas para desenvolver habilidades e capacidades, podem ser melhoradas por meio de oficinas de comunicação, que é o objetivo principal desse projeto de extensão.

Por meio de atividades educacionais, esse projeto tem como objetivo ajudar os Agentes Comunitários de Saúde a melhorarem sua comunicação interpessoal com a população, por meio de informação, educação e comunicação. Afinal, são eles, os Agentes Comunitários de Saúde, um dos principais elos entre o sistema de saúde e a comunidade onde atua.

A proposta desse projeto surgiu de uma demanda da Secretaria de Saúde de Campinas: a necessidade de preparar os Agentes de Saúde para uma comunicação mais eficaz com a população – medida que faz parte das políticas e estratégias desenvolvidas pelo SUS -, bem como construir com esses profissionais instrumentos que possam subsidiar suas ações educativas. A solicitação encontrou ressonância junto à política extensionista da Universidade, que é de atender demandas externas de grupos sociais organizados de Campinas e Região Metropolitana de Campinas. O trabalho também adequa-se ao Projeto Pedagógico da Faculdade de Jornalismo, que foi construindo visando a formação técnica, política e filosófica do aluno.

Oficinas de comunicação

A comunicação é uma das principais ferramentas de todas as profissões. Por ser um ato espontâneo e natural ao ser humano, muitos profissionais acreditam ter uma comunicação eficiente e eficaz nas suas relações. Mas a comunicação é um ato complexo, que se organiza dentro de um sistema altamente influenciável por situações internas e externas. Na relação entre emissor e receptor, quanto mais sinergia existir entre os elementos e processos envolvidos, mais eficiente será a comunicação. Segundo Pinho (2006), vários fatores podem interferir na qualidade do processo, como a desadequação entre o canal e a mensagem, ou entre o emissor e a mensagem. Para ele, é importante que haja adequação entre o emissor e o canal, entre o canal e o receptor e entre a mensagem e o receptor. Na comunicação interpessoal, existem situações que podem interferir na sua eficácia, como as habilidades de comunicação, as atitudes, o nível de conhecimento e o sistema sociocultural do emissor.

Na opinião de Pinho (2006),

Os níveis de habilidades comunicativas determinam duas formas de fidelidade de nossa comunicação. Primeiro, afetam a capacidade de analisar nossos próprios objetivos e intenções de deixar alguma coisa quando nos comunicamos. Segundo, afetam a nossa capacidade de codificar mensagens que exprimem o que pretendemos (PINHO, 2006, p.49).

Na definição de PINHO (2006), o emissor precisa entender a mensagem a ser transmitida, ter um vocabulário adequado e pertinente ao assunto, ser claro nas suas colocações e ter facilidade para manejar o pensamento e a linguagem. Suas atitudes com

o emissor tanto podem convencê-lo de sua mensagem como fazê-lo duvidar do que está sendo dito ou escrito. O nível de atitude começa, então, com o próprio emissor, depois avança para o assunto e finalmente termina no receptor, no público. Quanto mais o emissor dominar o assunto, melhores será a eficácia da transmissão e, possivelmente, da recepção.

No processo de comunicação entre Agente de Saúde e população, a eficácia do processo de emissão pode estender-se a três níveis: o domínio do assunto propriamente dito pelo profissional da saúde; conhecimento do público com quem vai se relacionar e sobre o processo propriamente dito da comunicação interpessoal. Esse é, portanto, um dos objetivos das oficinas de capacitação de comunicação desse projeto de extensão: tornar o Agente Comunitário de Saúde um profissional consciente de seu papel social como agente transmissor de informação e educação, para construir uma mensagem eficaz junto à comunidade.

Por meio das oficinas realizadas no primeiro semestre de 2016, constatou-se que os Agentes de Saúde têm domínio sobre os assuntos abordados nas visitas domiciliares. Essa constatação deu-se a partir de visitas que a professora e a bolsista realizaram nos domicílios, em companhia dos Agentes Comunitários de Saúde. Nestes encontros, ficou evidente que os profissionais de saúde conhecem os assuntos abordados, bem como os métodos preventivos para combater arboviroses. Também se observou que eles, de maneira geral, têm aproximações adequadas nas residências visitadas.

No entanto, para Morin (2000) e Freire (2014), a comunicação vai além de processos e habilidades, de tecnologias e sistemas de informação. Para Morin (2000), a comunicação não garante a compreensão, que é vital para a educação. “A informação, se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão”. (MORIN, 2000, p. 94). A compreensão intelectual, que é aprendida em conjunto, partilhada e objetiva, é insuficiente para a compreensão humana, mais intersubjetiva. De acordo com Morin

Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela. O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o *ego alter* quase se torna *alter ego*. (Morin, 2000, pg.95).

Isso significa, segundo Morin (2000), que “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”. (MORIN, 2000, p. 95). Por isso, é fundamental que as oficinas propostas neste projeto consigam envolver os agentes de saúde no sentido de que eles tragam suas próprias experiências, seu conhecimento, para uma educação pela comunicação e não para a comunicação. Uma das estratégias utilizadas pela docente para atingir esse objetivo é abrir rodas de conversas a partir de uma temática conduzida.

O envolvimento dos Agentes de Saúde nas oficinas segue os preceitos de Freire (2014), para quem todas as decisões referentes às atividades e conteúdos devam sejam construídos em conjunto com a comunidade assistida. Como lembra Freire (2014, p. 25), “não há docência sem discência, as suas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A partir das reflexões de Morin (2000) e Freire (2014), percebe-se a possibilidade de ampliar o campo das mediações com os Agentes de Saúde por meio da educomunicação, que propõe a criação de novos modelos de relação pedagógica e comunicativa para o convívio, a produção de conhecimento e a implantação de projetos colaborativos. A educomunicação compreende aspectos de formação de seus atores para a mídia e pela mídia. Cientes do processo de produção da mídia, os atores podem atuar como sujeitos produtores de informações e também podem usar a imprensa para uma reflexão da realidade social em que estão inseridos.

Para Soares⁵ (2000), “é preciso criar novos modelos de relação pedagógica e comunicativa para que os adultos ensinem não o que os jovens devem aprender, mas como devem fazê-lo e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso”. A proposta das oficinas de comunicação com os Agentes de Saúde têm justamente esse objetivo: construir, com o conhecimento desses profissionais, produtos de comunicação que possam divulgar assuntos de interesse tanto dos Agentes como da comunidade e, dessa forma, ajudar a população a conhecer, compreender e mudar comportamentos por meio da informação e conhecimento.

Atividades educucomunicativas

As dinâmicas realizadas nas oficinas foram apoiadas em atividades educucomunicativas. Muitas delas usaram dramatizações para que os Agentes de Saúde pudessem visualizar situações vivenciadas na sua prática profissional. Nestas teatralizações, Agentes de Saúde, docente e bolsista puderam observar o comportamento e as respostas do grupo, individual e coletivamente, frente às provocações feitas pela professora.

As oficinas tiveram início em março de 2016 e se estenderão ao longo deste ano e também de 2017. De março a junho passado elas foram realizadas em dois locais cedidos pelo Distrito Noroeste, na região onde atuam os Agentes Comunitários de Saúde. Por uma decisão dos parceiros do projeto, no entanto, as oficinas começaram a ser realizadas no final de agosto na sede do Distrito Noroeste, o que agradou sobremaneira os Agentes, pela ambientação que têm com o local. Os encontros acontecem todas as quintas-feiras, das 13h30 às 16h30.

Inicialmente, as oficinas contaram com a participação de cerca de 120 Agentes de Saúde, que foram divididos em duas turmas. Ao longo dos meses, no entanto, houve um esvaziamento nos grupos e hoje há cerca de 70 Agentes, de ambas as turmas, envolvidos no projeto. O controle de frequência nas oficinas é feito, desde o primeiro

⁵ O pesquisador é coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. É vice-presidente (regional) do World Council.

encontro, pela equipe de apoio do Distrito Noroeste, que acompanha a docente e a aluna bolsista em todas atividades, dando suporte e atendendo necessidades, quando necessárias.

Para conhecer melhor a prática dos Agentes de Saúde – tanto os Comunitários como os de Controle Ambiental – a docente e a bolsista participaram de algumas visitas na comunidade, com os Agentes. Essas visitas foram importantes para se avaliar o desempenho dos profissionais no que diz respeito à sua comunicação com a comunidade.



Ao lado de Agentes de Controle Ambiental, a docente visita casas de acumuladores



Nos encontros, trocas de experiências entre os Agentes Comunitários de Saúde e a professora

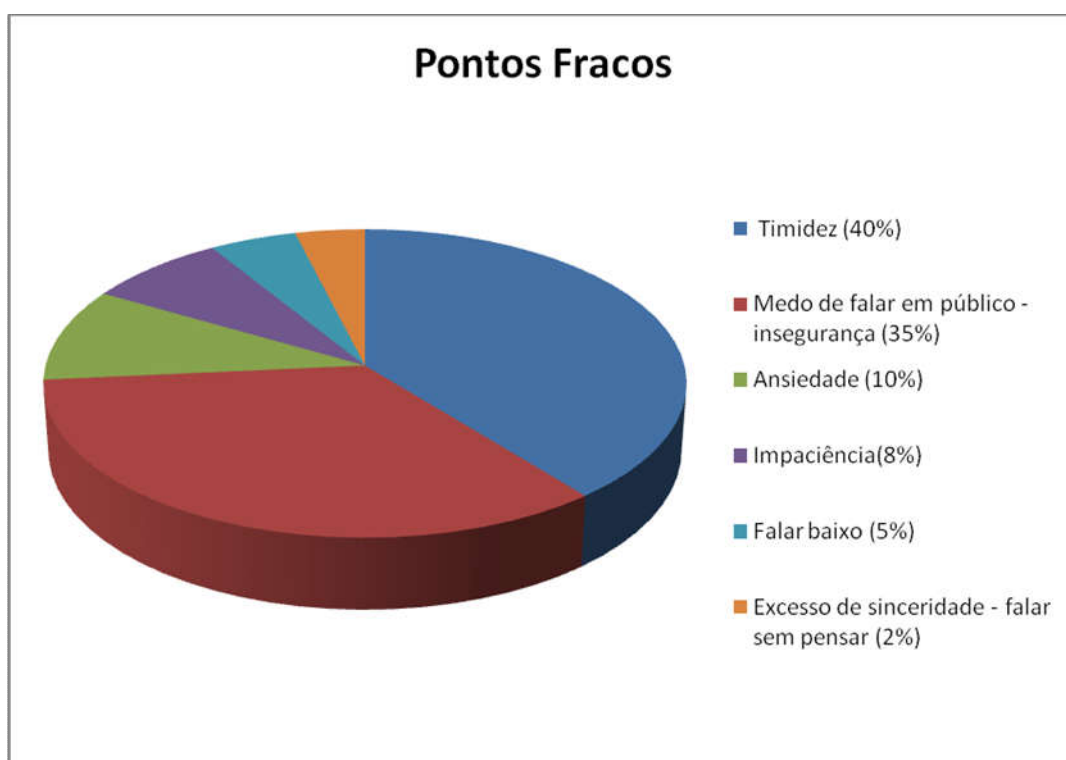
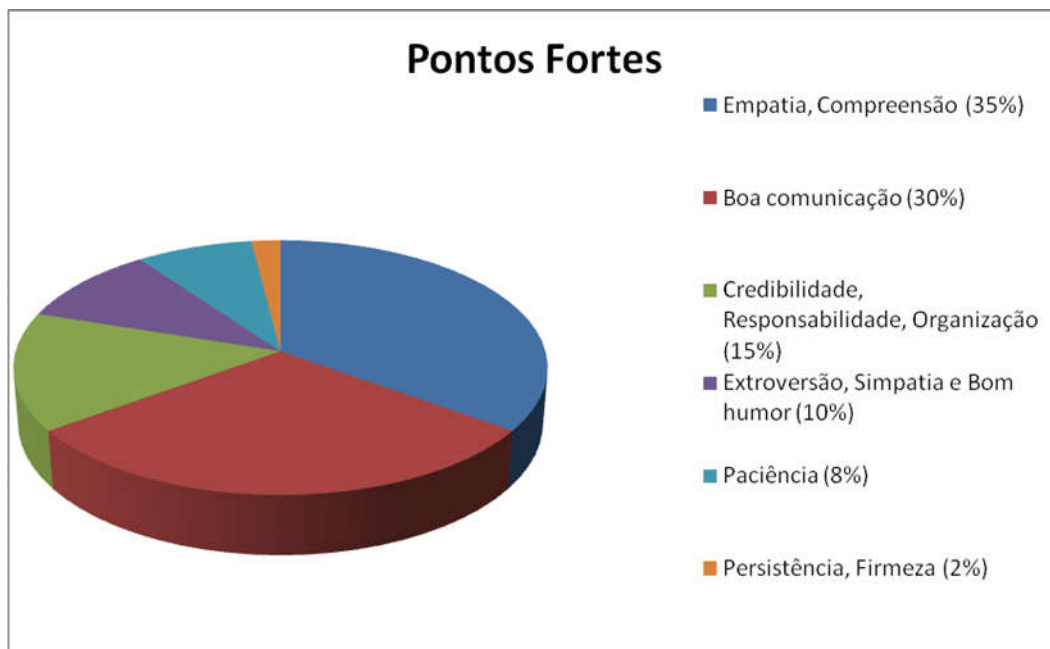


A docente analisa com os Agentes de Saúde o conteúdo e a produção dos produtos jornalísticos

Durante o primeiro semestre de 2016, a docente propiciou momentos de análise e reflexão com os Agentes de Saúde, sobre temas pertinentes ao processo da comunicação interpessoal, como fatores que podem interferir na eficácia do processo; a importância do domínio do conteúdo das mensagens; o conhecimento do público e a leitura e compreensão da comunicação não verbal. No segundo mês de atividades, quando os Agentes de Saúde estavam sentindo-se mais à vontade nas oficinas, foi solicitado, de forma espontânea, uma autoavaliação sobre práticas comunicativas na atividade profissional. Os Agentes, depois de discussões e reflexões com o grupo e a docente, fizeram de forma espontânea uma lista com pontos positivos e negativos que, na sua opinião, interferem na comunicação interpessoal. Todos os Agentes de Saúde presentes nesta oficina, em ambas as turmas, quiseram participar da autoavaliação. A docente e a bolsista recolheram as anotações ao término do encontro, para posterior análise e tabulação, conforme quadros abaixo:

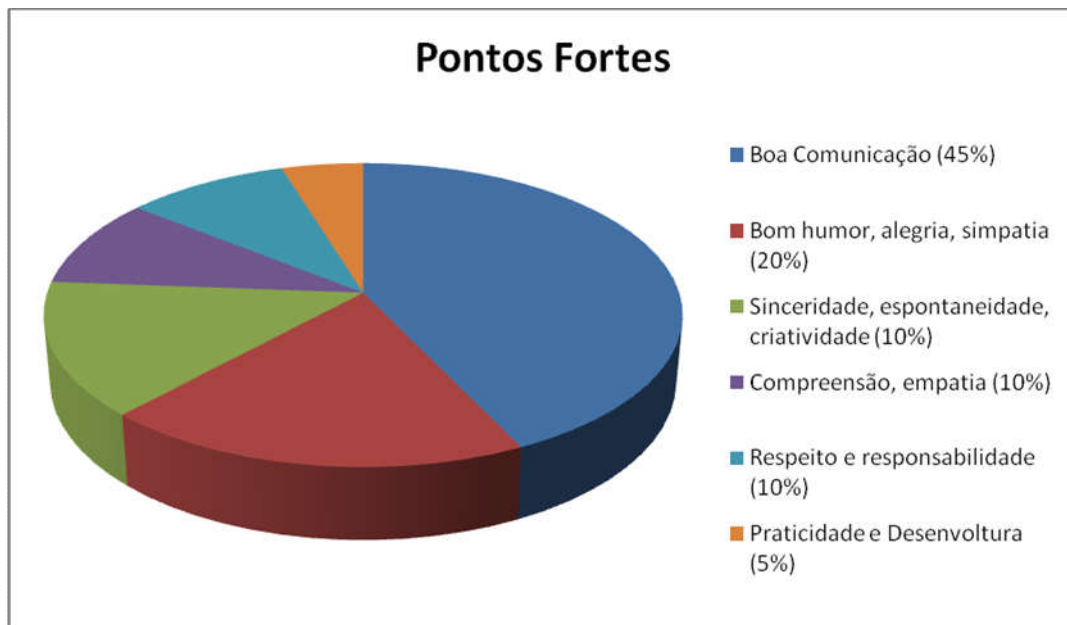
Turma 01

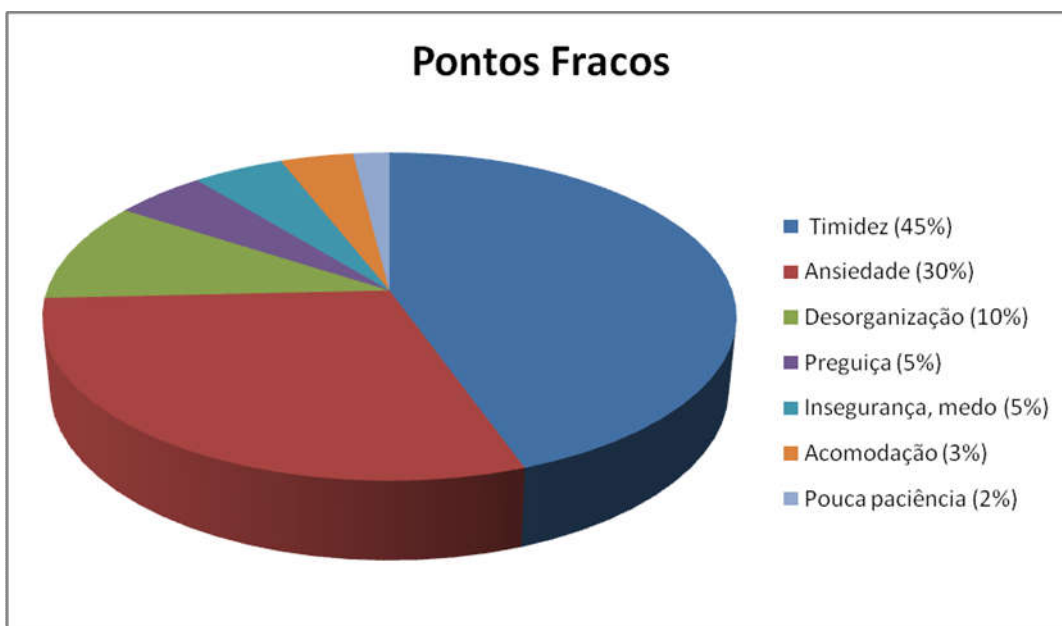
- Total de respostas: 57



Turma 02

- Total de respostas: 43





Pelos resultados da autoavaliação, percebe-se que os Agentes de Saúde têm consciência da sua eficiência no processo da comunicação. No entanto, eles também admitem que sua comunicação não é tão eficaz quanto desejariam em função de alguns fatores que interferem no relacionamento e na sua comunicação interpessoal, como a timidez e a ansiedade. No encontro seguinte à aplicação da autoavaliação, a docente apresentou os gráficos acima para as duas turmas e analisou, conjuntamente com os Agentes de Saúde, os resultados. A partir deste encontro, os Agentes de Saúde passaram a se interessar ainda mais pelas oficinas, no tocante à utilização de estratégias de comunicação interpessoal. Alguns deles desenvolveram o hábito de procurar a professora, até hoje, ao término das oficinas, para pedir conselhos e dicas de como melhorar sua comunicação.

A partir deste exercício, ficou nítido para os Agentes de Saúde a importância de do autoconhecimento para uma comunicação mais eficaz. As dinâmicas individuais e coletivas passaram, então, a ser mais constantes nas oficinas, visando propiciar aos Agentes de Saúde uma reflexão sobre sua comunicação interpessoal. Ao término do primeiro semestre de 2016, os Agentes de Saúde, o grupo de apoio do Distrito Noroeste a professora e a bolsista decidiram que em agosto de 2016 seriam discutidos, definidos e produzidos produtos de comunicação, com o objetivo de melhorar o relacionamento dos Agentes Comunitários de Saúde com a comunidade, bem como incrementar a comunicação com a população do Distrito Noroeste.

Desde o início das oficinas, as práticas educacionais têm propiciado momentos de reflexão, discussão e construção de um conhecimento até então não sistematizado pelos Agentes de Saúde, que usam a comunicação como ferramenta de trabalho. Na prática eles já o fazem, mas sem uma reflexão sobre os fatores que podem

interferir no processo da comunicação interpessoal. Portanto, a experiência dos Agentes de Saúde é essencial para a condução das oficinas, que têm como objetivo construir espaços de diálogo entre estes profissionais, a docente e a aluna-bolsista.

Resultados esperados

O principal resultado esperado deste projeto de extensão é a melhoria da qualidade das ações educativas dos Agentes de Saúde junto à população, para a promoção da saúde e prevenção de doenças, com ênfase no combate à arboviroses. Essa melhoria deverá ser avaliada pela professora extensionista nos encontros, por meio de questionamentos e dos resultados das atividades propostas, que possibilitem mensurar tanto o desempenho da docente na condução das oficinas, como também permitir aos Agentes de Saúde uma autoavaliação.

Foi organizado com os Agentes de Saúde um cronograma de atividades de comunicação a curto, médio e longo prazo, em que serão produzidos inicialmente dois produtos: minidocumentários (com a duração de quatro minutos) e jornais murais. Os minidocumentários estão sendo feitos com recursos do próprio grupo (câmeras de celular) e editados com o programa Movie Maker. Os Agentes de Saúde estão sendo capacitados nas oficinas, desde agosto passado, para a captação de imagens com o celular e a roteirização do tema. A edição será feita por um grupo de Agentes, que se prontificou a aprender a utilizar o programa de edição e, assim, ajudar os colegas.

No planejamento, decidiu-se que cada Centro de Saúde terá, até dezembro, dois minidocumentários. O primeiro minidocumentário será exibido em outubro e, o segundo, em dezembro. Os vídeos serão divulgados no site da Prefeitura Municipal de Campinas, em redes sociais e nas TVs afixadas nos Centros de Saúde do Distrito Noroeste. O objetivo é dar visibilidade ao trabalho realizado pelos profissionais, bem como informar o público sobre cuidados na prevenção e tratamento de doenças.

O segundo produto que está sendo produzido pelos Agentes de Saúde do Distrito Noroeste é o jornal mural, para ser afixado nos Centros de Saúde. O objetivo do mural é divulgar informações de interesse do Centro de Saúde para a população que procura atendimento neste local. O projeto gráfico-editorial do jornal mural foi amplamente discutido nas oficinas e a produção do conteúdo e do projeto gráfico será de responsabilidade dos Agentes de Saúde, que farão os textos e organizarão o mural com orientações da docente. Até dezembro deste ano serão feitos dois jornais murais: um em setembro e, o outro, em novembro. Serão produzidos por edição 13 jornais murais, um para Centro de Saúde do Distrito Noroeste. Com esse planejamento, os Agentes de Saúde produzirão, de agosto a dezembro, quatro produtos de comunicação: dois minidocumentários e dois jornais murais.

A médio e longo prazos, as oficinas pretendem estimular os Agentes de Saúde para:

- ✓ organizarem uma agenda de eventos, com peças de teatro educativas, palestras e outras ações, que serão apresentadas em escolas e locais públicos da região do Distrito Noroeste. A temática será predominantemente sobre problemas

relacionadas à prevenção e combate de arboviroses, como a dengue, e outras doenças;

- ✓ elaborarem e produzirem livretes e cartilhas de caráter educativo para serem distribuídas à população dos Centros de Saúde do Distrito Noroeste;
- ✓ organizarem uma mostra de fotografias do trabalho realizado pelos Agentes de Saúde. Pretende-se expor essa mostra em um local público, para dar visibilidade aos Agentes de Saúde.

Com essas ações propostas, o projeto deseja melhorar a comunicação e o relacionamento dos Agentes de Saúde com seu público, além de dar visibilidade ao trabalho desses profissionais, seja por meio dos minidocumentários ou de uma agenda de atividades e produtos de comunicação.

Toda a produção audiovisual e escrita proposta neste projeto de extensão é de autoria dos Agentes de Saúde, com intervenção da docente. Para tanto, as oficinas procuram propiciar momentos de reflexão, criação e autonomia para que os Agentes de Saúde possam produzir suas comunicações e, dessa maneira, interagir ainda mais com a sociedade.

Estão previstas duas avaliações das atividades propostas nas oficinas até o término do projeto de extensão, que será em dezembro de 2017. A primeira avaliação será realizada em dezembro de 2016 e, a segunda, no final de 2017. Nestas avaliações, a professora extensionista e a aluna bolsista observarão e registrarão as respostas dos Agentes de Saúde a partir de questionamentos que avaliem a compreensão do conteúdo dos encontros e a reflexão das práticas. Às questões centrais serão acrescidas outras que mensurem a qualidade das ações educativas dos Agentes de Saúde, particularmente na sua comunicação interpessoal com a população; as estratégias de comunicação utilizadas nas abordagens e os produtos produzidos nas oficinas. Esses momentos pontuais de avaliação propiciarão à professora extensionista uma avaliação contínua e processual das oficinas, necessária para rever a metodologia e o conteúdo dos encontros.

Considerações finais

Com os recursos tecnológicos disponíveis e as iniciativas propostas nesse projeto, alicerçadas pela educomunicação, espera-se que a comunicação dos Agentes de Saúde se amplie e atinja a comunidade atendida no Distrito Noroeste, seja por meio dos minidocumentários ou dos murais, além de outros públicos, particularmente os sintonizados em mídias sociais.

Para tanto, é fundamental que as oficinas consigam despertar os estímulos cognitivos e criativos dos Agentes de Saúde, para a produção dos minidocumentários e jornais murais e, dessa forma, esses produtos se transformem em ferramenta de aprendizagem. Ferrari (2010, pg. 121) diz que “a sociedade atual move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada e da tão falada democracia digital”. Nessa perspectiva, o minidocumentário pode atingir milhares de pessoas sintonizadas nas redes sociais,

ampliando, assim, a interface com outros públicos, além dos já atendidos pelos Agentes de Saúde do Distrito Noroeste. Neste sentido, a educomunicação adequa-se como uma mediadora para colocar a comunicação e a educação a serviço da prática da cidadania.

As oficinas de capacitação de comunicação pretendem utilizar estratégias da comunicação e o conhecimento dos Agentes de Saúde, por meio da educomunicação, para a elaboração de materiais pedagógicos que possam ser utilizados junto à comunidade. Desse modo, espera-se que, ao término de cada oficina e do projeto como um todo, os Agentes de Saúde tenham uma consciência mais crítica e autônoma da sua comunicação com a comunidade e, assim, possam ajudar a população na prevenção e combate à doenças - particularmente a dengue -, além de outras arboviroses.

O projeto também tem a expectativa, por meio da capacitação dos Agentes de Saúde, de ajudar a comunidade a refletir sobre suas reais condições de saúde, contribuindo, assim, para mudar a realidade das pessoas atendidas, por meio do acesso democrático de informações. O projeto ainda deseja ampliar a visibilidade do trabalho realizado pelos Agentes de Saúde por meio dos minidocumentários e de uma agenda de atividades e produtos de comunicação, direcionados à população atendida pelo Distrito Noroeste.

Referências bibliográficas

DIMBLEBY, Richard. *Mais do que palavras: uma introdução à comunicação*; (tradução Plínio Cabral). São Paulo: Summus, 1990.

FERRARI, Pollyana. *A força da mídia social*. São Paulo: Factash Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*; (tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho). – 8.ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PINHO, J.B. *Comunicação nas organizações*. Viçosa: Ed. UFV, 2006.

SOARES, Ismar. *Educomunicação: um campo de mediações*. Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

